



O Live Earth

7 de 7 de 2007 tornou-se numa data a reter: de Londres a Tóquio, dos Estados Unidos à Austrália, artistas de todo o mundo deram as mãos num mega concerto global com que pretendiam chamar a atenção para o impacto que as actividades humanas estão a exercer sobre a Terra. Cresce a consciência de que temos andado a fazer algo de errado e isso ameaça virar-se contra nós mesmos. Longe vão os tempos em que os ambientalistas eram vistos como lunáticas personagens quixotescas, defensores de causas esotéricas, estranhas aos interesses da sociedade e por vezes em colisão com interesses mais relevantes. O planeta Terra existe há 4500 milhões de anos; a vida existe há pelos menos 3500 milhões; enquanto o Homem existirá há uns meros dois milhões de anos. A vida na Terra surgiu muito antes da espécie humana, sofreu por várias vezes extinções em massa, e foi capaz de recompor-se sem a nossa ajuda. Se algo está demonstrado, é que a vida selvagem não precisa dos cuidados humanos para existir, e provavelmente sobreviverá muito melhor sem a nossa presença. Por isso quando se fala em defesa do ambiente, não é meramente na defesa da vida selvagem que se fala, é sobretudo na defesa de condições favoráveis à existência da civilização humana. O SOS lançado pelo Live Earth é um grito de alarme que pretende atingir todos nós. É urgente que todos nós tomemos consciência de que o nosso modo de vida está a afectar seriamente as condições da nossa sobrevivência futura.

Sempre julgamos que o clima da Terra era imutável, e estamos a descobrir que o dióxido de carbono emitido pelas nossas actividades está tornar a Terra mais seca e mais quente, ameaçando algumas regiões com a desertificação.

Sempre encaramos os recursos naturais como inesgotáveis, e agora previnem-nos de que podem vir a faltar. O petróleo, dizem os especialistas mais conceituados, durará no máximo mais 38 anos. E até a água passou a ser encarada como um recurso que tem de ser usado com racionalidade.

Sempre olhamos para as outras espécies animais e vegetais como seres inexpugnáveis nos seus habitats. E previnem-nos agora de que a biodiversidade está a extinguir-se a um ritmo sem paralelo desde o incidente que deu origem à extinção em massa na qual se extinguiram os dinossauros.

Sempre olhamos para os oceanos como um recurso inesgotável, e descobrimos agora que estão duplamente ameaçados pela poluição química e pela sobrepesca.

Descobrimos que o bacalhau, considerando por nós como uma iguaria, é, inacreditavelmente uma das espécies à beira da extinção.

Julgávamos que o nível das águas dos oceanos era imutável, e dizem-nos agora que o aquecimento global está a provocar a sua subida, ameaçando com isso muitas cidades ribeirinhas, porventura países inteiros, como a Holanda e algumas ilhas do Pacífico, mas também os melhores campos agrícolas constituídos pelos aluviões da foz dos grandes rios. No decorrer do século XXI o nível do mar irá subir pelo menos 1 metro, garantem-nos. E dizem-nos também que o degelo das calotas polares está a decorrer mais depressa do que se julgava.

Como pretendeu mostrar o Live Earth, as alterações que estão a afectar o nosso planeta não dizem respeito apenas aos outros. Em ambiente o todo é a soma das partes. Aquilo que está a acontecer com o planeta, é o fruto da acção conjunta de todos nós. Por isso alterar esta situação depende da atitude individual de cada um. Se cada um de nós adoptar um modo de vida mais sustentável, a soma desses pequenos contributos terá um efeito global significativo. Há sempre coisas que cada um de nós pode fazer. A construção de um futuro sustentável depende também de si.